

Autoimagem e autoestima de pacientes ostomizados



<https://doi.org/10.56238/sevened2023.004-054>

Bruno Pigatto

Enfermeiros do Serviço de Enfermagem Cirúrgica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre/ RS (HPCA/UFRGS)

Graziela Lenz Viegas

Enfermeiros do Serviço de Enfermagem Cirúrgica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre/ RS (HPCA/UFRGS)

Jenifer Nascimento da Silva Cebulski

Enfermeiros do Serviço de Enfermagem Cirúrgica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre/ RS (HPCA/UFRGS)

Juliana da Silva Lima

Enfermeiros do Serviço de Enfermagem Cirúrgica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre/ RS (HPCA/UFRGS)

Luciana Pereira Tarragô de Souza

Enfermeiros do Serviço de Enfermagem Cirúrgica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre/ RS (HPCA/UFRGS)

Patrícia do Nascimento

Enfermeiros do Serviço de Enfermagem Cirúrgica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre/ RS (HPCA/UFRGS)

Sídia de Mari

Enfermeiros do Serviço de Enfermagem Cirúrgica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre/ RS (HPCA/UFRGS)

RESUMO

As pessoas que convivem com estomas sofrem impactos no processo de adaptação, sobretudo, na reinserção à sociedade. Além das alterações corporais, as estomias também podem gerar desequilíbrios emocional, social e espiritual. Trata-se de uma revisão bibliográfica que objetivou analisar as repercussões identificadas na literatura relacionadas a percepção de pacientes ostomizados sobre a sua autoestima e autoimagem. A autoestima envolve a percepção da imagem corporal e dos sentidos, as figurações e representações mentais que a pessoa tem dos outros e de si mesma. A necessidade de uma estomia causa uma série de mudança na autoimagem dos pacientes, acarretando também alteração no sentimento de autoestima. Além disso, desencadeia sentimentos como medo, angústia, insegurança, sofrimento, vergonha, apreensão, isolamento, perda da autonomia, entre outros. A avaliação da autoestima de indivíduos ostomizados faz-se necessária, pois os pacientes passam por uma alteração brusca no seu padrão de vida, tornando-se essencial a atuação da equipe de saúde envolvida na reabilitação e enfrentamento dessa nova realidade, propiciando uma transição mais natural possível.

Palavras-chave: Autoimagem, Estomia, Qualidade de Vida, Cuidados de Enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

Estima-se que haja cerca de 400 mil pessoas ostomizadas no Brasil e que 10 mil novos casos surgem por ano (VENTURA, 2020).

As palavras ostomia, ostoma, estoma ou estomia são de origem grega e significam boca ou abertura (ANHAIA, VIEIRA, VIEIRA, 2016).

Define-se estomia como um procedimento cirúrgico que consiste na exteriorização do sistema (digestório, respiratório e urinário), criando um orifício externo que se chama estoma, que podem ser



de caráter definitivo ou temporário (BRASIL, 2009). Conforme o segmento exteriorizado, os estomas recebem nomes diferenciados: a traqueostomia, que é a abertura da traqueia; a estomia gástrica, denominada gastrostomia; as estomias urinárias, urostomias, nefrostomias, ureterostomia e vesicostomia; e as estomias intestinais, que são as jejunostomias, ileostomias e colostomias (COELHO, SANTOS, DAL POGGETTO, 2013).

As pessoas que convivem com estomas sofrem impactos no processo de adaptação, sobretudo, na reinserção à sociedade. Além das alterações corporais, as estomias também podem gerar desequilíbrios emocional, social e espiritual. Tudo isso pode causar alteração na sua imagem corporal e autoestima, acarretando sentimentos de medo, angústia ou até mesmo depressão (TERIAKY, 2012).

A imagem corporal é a concepção que o indivíduo tem do seu próprio corpo, assim como os sentimentos associados as suas características e as experiências vivenciadas ao longo da vida (PEREIRA, FORTES, 2015).

Rosenberg (1965) afirma que autoestima é uma atitude positiva ou negativa para com um objeto particular chamado de *self*.

A autoestima envolve a percepção da imagem corporal e dos sentidos, as figurações e representações mentais que a pessoa tem dos outros e de si mesma. É a capacidade que uma pessoa tem de confiar em si própria, de se sentir capaz de poder enfrentar os desafios da vida. A elaboração da autoestima pode ser considerada um fenômeno multidimensional, pois envolve aspectos fisiológicos, psicológicos e sociais, que afeta as emoções, pensamentos e o modo que as pessoas se relacionam com os outros, influenciando intensamente a qualidade de vida (SANTOS, VIEIRA, 2011).

Atentar para a relação entre as características sociais, patologias e a autoestima de pacientes poderá auxiliar o enfermeiro, bem como de outros profissionais da área de saúde, a planejar de forma mais consistente à assistência a esses indivíduos, percebendo aqueles que são mais vulneráveis durante o processo de reabilitação (VARGAS, DANTAS, GOIS, 2005).

À vista disso, o presente estudo tem como questão norteadora: O que as produções científicas abordam sobre a percepção da autoimagem e autoestima de pacientes estomizados?

Considerando que as estomias altera em vários aspectos a vida e que interferem negativamente na elaboração da imagem corporal, a hipótese desse estudo foi que conhecer os impactos fisiológicos, psicológicos e sociais torna-se essencial para nortear o planejamento do cuidado e auxiliar no processo de adaptação, aceitação e reformulação da autoimagem, propiciando a reestruturação da autoestima.

Deste modo, o objetivo do trabalho foi: Analisar as repercussões identificadas na literatura relacionadas a percepção de pacientes estomizados sobre a sua autoestima e autoimagem.

O estudo proposto busca contribuir para uma reflexão multiprofissional em relação aos fatores que podem alterar a autoestima de pacientes estomizados, para assim poder melhorar o suporte teórico da equipe de enfermagem no cuidar desse tipo de clientela, associando a um conjunto de ações que



garantam uma boa assistência, abrangendo o seu bem estar bio-psico-social. Assim, podemos ajudar na adaptação de uma nova realidade, na reformulação da autoimagem e consequentemente na reestruturação da autoestima

Trata-se de uma revisão bibliográfica. Para a construção do problema de pesquisa assim como para a organização dos artigos encontrados foi utilizada a estratégia de busca PICO (Paciente, Intervenção, Comparação e “Outcomes” (desfecho)). As bases de dados consultadas foram: Base de dados de enfermagem (BDENF) e Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Os descritores utilizados na busca, segundo DeCs (Descritores em saúde da Bireme) foram: Autoimagem; Estomia; Qualidade de Vida; Cuidados de Enfermagem. Os critérios de inclusão foram os artigos que abordassem o tema no título e/ou resumo, disponíveis em português, inglês ou espanhol, com acesso online ao texto completo, publicados no período de 2016 a 2021 (SANTOS, PIMENTA, NOBRE, 2007).

2 DESENVOLVIMENTO

Foram selecionados cinco artigos das bases de dados consultadas, quatro foram publicados em português e um em inglês.

O ano de 2017 foi o que obteve maior número de publicações sobre o tema, sendo selecionados 3 artigos, seguidos de 2 em 2018. Não houve publicações nos anos de 2019, 2020 e 2021 até a realização deste estudo.

Os estudos foram distribuídos na tabela 1 conforme autoria, base da dados (BD) consultada, periódico publicado e ano de publicação, sendo organizado por ordem crescente pelo ano de publicação.

Tabela 1 – Artigos selecionados

Autores	BD	Periódico	Ano
FERREIRA, E.C. <i>et al.</i>	LILACS E BDENF	Rev Bras Enferm	2017
FREIRE, D.A. <i>et al.</i>	LILACS E BDENF	REME – Rev Min Enferm	2017
SALOMÉ, G.M. <i>et al.</i>	LILACS	J Coloproctol	2017
MELO, M.D.M <i>et al.</i>	LILACS E BDENF	REME – Rev Min Enferm	2018
RICARDO, E.V.; SANTOS, C.M.; PALERMO, T.A.C	LILACS	Perspectivas Online: Biológicas & Saúde	2018

Autor: LIMA, 2021.

2.1 CONVIVENDO COM O ESTOMA – A ADAPTAÇÃO

O adoecimento é um processo difícil e que exige que os doentes e seus familiares compreendam o significado da enfermidade, as opções de tratamentos, percebem quais serão os ganhos e perdas



diante das suas decisões, e aprendam a conviver com as mudanças necessárias (VARGAS, DANTAS, GOIS, 2005).

A intervenção cirúrgica com a confecção de um estoma traz novos sentimentos aos indivíduos. Neste momento surge o desespero em resposta ao confronto de uma nova realidade de vida, o impacto da redescoberta do corpo, das novas funções e as limitações impostas pelo resultado do procedimento cirúrgico. Adquirem sentimentos de desesperança, medo, angústia, ansiedade, depressão, da perda da própria autoestima e de sofrimento frente ao próprio corpo que escapou ao seu controle (ANHAIA, VIEIRA, VIEIRA, 2016).

Melo *et al* (2018) afirma que a adaptação ao estoma é um processo individual e que os pacientes podem enfrenta-lo de forma positiva ou negativa, da sua maneira e em seu próprio tempo. Salomé *et al* (2017) corrobora colocando que o processo se desenvolve ao longo do tempo e envolve uma série de aspectos, desde a ajuda oferecida, até a forma como a pessoa estomizada se envolve no autocuidado.

Já Ferreira *et al* (2017) expõe que a confecção do estoma implica em alterações da imagem corporal, perda do controle das eliminações e a necessidade de uso de equipamentos coletores, desenvolvem alterações físicas, psicológicas e sociais que influenciam na sua qualidade de vida.

Ricardo, Santos e Palermo (2018) também consideraram que o estoma é uma grande mudança física no indivíduo, pois altera a fisiologia normal de eliminações, causam odores e obrigam a utilização de dispositivos coletores.

Freire *et al* (2017) comenta que a alteração corporal tende a ser percebida como uma mutilação, que leva a alterações emocionais, constrangimentos e à baixa autoestima e, conseqüentemente, ao isolamento social. Além disso, os pacientes estomizados experimentam sentimentos como a ansiedade e preocupações com a manipulação do estoma.

Salomé *et al* (2017) considera que além da mutilação física inerente ao processo de um estomia, as pessoas também sentem a mutilação emocional e psicológica determinada por esse procedimento. Tais sentimentos podem levar a mudanças na qualidade de vida, autoestima, imagem corporal e espiritualidade, com perda da esperança de melhora ou cura.

Outros sentimentos como o de impotência e de fracasso são evidenciados no viver da pessoa com estomia, relacionados as modificações da autoimagem diante da nova constituição física e nas dificuldades no retorno do convívio social, o que repercute diretamente no processo adaptativo e na qualidade de vida (MELO *et al*, 2019).

O apoio familiar torna-se fundamental nesse momento de adaptação à nova vida. A forma com que os familiares lidam com o assunto interfere diretamente no processo de aceitação e na percepção da imagem corporal dos estomizados. Desse modo, familiares, cuidadores e profissionais tornam-se peças essenciais na elaboração de um plano terapêutico, de reabilitação e reinserção social (SALOMÉ *et al*, 2017).



Uma transição bem sucedida para os estomizados ocorre quando há uma aceitação efetiva das novas circunstâncias de vida, sendo necessário uma reorganização de hábitos diários para que os sentimentos ruins deem espaço para sensações de bem-estar, melhorando assim a qualidade de vida desses indivíduos (FREIRE *et al*, 2017).

2.2 AS ALTERAÇÕES NA AUTOIMAGEM E AUTOESTIMA

Os pacientes estomizados veem de forma costumeira o estoma como algo invasivo e deformante, que influenciam diretamente na sua imagem corporal e autoestima. Se preocupam com as características das secreções e ao fato de não conseguir controlar, por exemplo, os odores, ruídos e vazamentos. Além disso, muitos procuram esconder sua condição de ostomizado como forma de evitar o estigma de ser “diferente”, tendem a escolher roupas que permitam esconder o estoma, evitam realizar atividades rotineiras, como trabalhar ou ir à praia, e pelo medo do preconceito, tendem a se isolar (FREIRE *et al*, 2017).

Outros estudos corroboram com estes dados, e evidenciam que o isolamento social é um mecanismo comum entre os estomizados para se proteger, pelo sentimento de medo e vergonha de se expor e passar por situações constrangedoras. Autoimagem e autoestima dependem não apenas do indivíduo, mas de sua interação com os demais e com a sociedade. (ANHAIA, VIEIRA, VIEIRA, 2016; FARIAS, GOMES, ZAPPAS, 2006; FERREIRA *et al*, 2017; MELO *et al*, 2019; SALOMÉ *et al*, 2017).

Ferreira *et al* (2017) reforça que a autoestima é um importante indicador de saúde mental, pois interfere nas condições afetivas, sociais e psicológicas dos indivíduos. Afirma que a confecção de um estoma pode resultar em uma imagem corporal distorcida, repercutindo na percepção sobre si mesmo, onde a pessoa se vê sem atrativos, causando a diminuição da autoestima. Além disso, evidenciou em seu estudo que, quanto pior a autoestima dos portadores de estoma, maior são os prejuízos à qualidade de vida relacionada à saúde.

Salomé *et al* (2017) observou em seu estudo que os participantes estomizados apresentavam alterações na percepção da autoimagem e baixa autoestima, ou seja, esses indivíduos tinham sentimentos negativos em relação ao seu próprio corpo. Considerou também que a alteração da imagem corporal leva a perda da autoestima e do comprometimento da sexualidade. Quando vivenciada pela pessoa estomizada, a sexualidade se manifesta por meio de sentimentos negativos, como preocupação, angústia, medo, vergonha, isolamento, inferioridade e controle de seus desejos.

A sexualidade é mais afetada pela baixa autoestima do que por uma limitação física. Associa-se essa alteração à imagem corporal, ansiedade e medos e acerca da sexualidade (FARIAS, GOMES, ZAPPAS, 2006). Freire *et al* (2017) comenta que a visibilidade do estoma, não somente pelo próprio



estomizado, mas também pelo parceiro, pode causar perturbações que dificultam a manutenção ou início de um relacionamento afetivo.

Ricardo, Santos e Palermo (2018) evidenciaram que os ostomizados em sua maioria possuíam uma baixa satisfação com a sua imagem corporal, porém apresentaram altos níveis de autoestima. Consideraram que outros fatores podem contribuir para a construção da autoestima, apesar de concordaram com a ideia de que quanto maior a satisfação com a imagem corporal, maior será a autoestima.

Sena (2015) encontrou resultado semelhante e identificou que havia melhora na autoestima dos indivíduos que redirecionava suas preocupações para outras áreas de suas vidas nos quais lhe traziam algum bem-estar, trazendo uma compensação diante das alterações físicas impostas pela estomia.

Já Melo *et al* (2018) indicou que, entre os participantes do seu estudo, possuíam um nível médio de autoestima satisfatória e associou ao fato deles serem atendidos em um Centro de Reabilitação, tendo acesso a um suporte de saúde com profissionais capacitados, participação em grupos de apoio e acompanhamento no processo de reabilitação, o que promove melhora na qualidade de vida e, conseqüentemente, na sua autoestima.

Percebe-se então que o acompanhamento da pessoa com estomia por uma equipe multidisciplinar é fundamental no processo de adequação e formulação de estratégias de enfrentamento. Assim, o enfermeiro pode ser um agente facilitador no processo de adaptação do indivíduo estomizado, dispondo de diferentes estratégias para facilitar o entendimento sobre suas condições de saúde e mudanças associadas a confecção da estomia, auxiliando na percepção da nova imagem corporal para que se alcance uma autoestima satisfatória.

3 CONCLUSÃO

Desde o diagnóstico de uma doença até o tratamento surgem muitos sentimentos e sensações, caracterizando uma fase de mudanças, incertezas e inseguranças, que precisam ser acolhidos, de forma que cada pessoa se sinta segura em expressá-los e chegar a um estágio de aceitação, reunindo forças para enfrentar todo o processo de adoecimento e se reestruturar física e emocionalmente.

Conclui-se que a necessidade de uma estomia causa uma série de mudança na autoimagem dos pacientes, acarretando também alteração no sentimento de autoestima. Além disso, desencadeia sentimentos como medo, angústia, insegurança, sofrimento, vergonha, apreensão, isolamento, perda da autonomia, entre outros.

A avaliação da autoestima de indivíduos estomizados faz-se necessária, pois quando submetidos a esse procedimento, os pacientes passam por uma alteração brusca no seu padrão de vida. Deste modo, é essencial a atuação da equipe de saúde envolvida na reabilitação e enfrentamento dessa nova realidade, propiciando uma transição mais natural possível. Escutar e olhar atentamente torna-se



um instrumento importante para que a equipe multiprofissional compreenda os doentes em sua singularidade.



REFERÊNCIAS

- ANHAIA, S.A; VIEIRA, J.C.M; VIEIRA, A.M.L.M. A mulher e o estoma: implicações na vida diária. ESTIMA [Internet], v. 5, n. 4, mar. 2016. Disponível em: <https://www.revistaestima.com.br/estima/article/view/36>
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria N° 400, de 16 de Novembro de 2009, Normatiza o atendimento à Pessoa Ostomizada no SUS. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 2009. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2009/prt0400_16_11_2009.html
- COELHO, A.R.; SANTOS, F.S.; DAL POGGETTO, M.T. A estomia mudando a vida: enfrentar para viver. REME – Rev Min Enferm. Belo Horizonte, v.17, n. 2, 2013. Disponível em: <http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20130021>
- FARIAS, D.H.R; GOMES, G.C; ZAPPAS, S. Convivendo com uma ostomia: conhecendo para melhor cuidar. Cogitare. Paraná, v.11, n. 1, p. 25-32, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v9i1.1702>
- FERREIRA, E.C. *et al.* Autoestima e qualidade de vida relacionada à saúde de estomizados. Rev Bras Enferm [Internet]., v. 70, n. 2, pp. 271-278, mar-abr, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0161>
- FREIRE, D.A. *et al.* Autoimagem e autocuidado na vivencia de pacientes estomizados: o olhar da Enfermagem. REME – Rev Min Enferm. Belo Horizonte, v.21, n. e-1019, 2017. Disponível em: <http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20170029>
- MELO, M.D.M. *et al.* Associação das características sociodemográficas e clinicas com a autoestima das pessoas estomizadas. REME – Rev Min Enferm. Belo Horizonte, v.22, n. e-1076, 2018. Disponível em: <http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20180006>
- MELO, M.D.M. *et al.* Diagnóstico de enfermagem baixa autoestima situacional em pessoas com estomia: estudo de acurácia diagnóstica. Rev Esc Enferm USP. São Paulo, v. 53, n. e03514, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-220X2018005003514>
- PEREIRA, N.A.C; FORTES, R.C. Autoimagem corporal de pacientes com câncer gastrointestinal. Com. Ciências Saúde. Brasília, v. 26, n. 1/2, p. 29-44, 2015. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/periodicos/ccs_artigos/2015_autoimagem_corporal_pacientes.pdf
- RICARDO, E.V.; SANTOS, C.M.; PALERMO, T.A.C. Imagem corporal e autoestima entre pacientes com ostomias intestinais. Perspectivas Online: Biológicas & Saúde. Campos dos Goytacazes, v. 8, n 28, p. 71-80, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.25242/886882820181643>
- SALOMÉ, G.M. *et al.* Health locus of control, body image and self-esteem in individuals with intestinal stoma. J Coloproctol. Rio de Janeiro, v. 37, n.3, p. 216–224, mai. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jcol.2017.04.003>
- SANTOS, C.M.C.; PIMENTA, C.A.M.; NOBRE, M.R.C. A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências. Revista Latino-Americana de Enfermagem. Ribeirão Preto, v.15, n. 3, mai-jun. 2007.
- SANTOS, D.B; VIEIRA, E.M. Imagem corporal de mulheres com câncer de mama: uma revisão sistemática da literatura. Ciência & Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, v. 16, n. 5, p. 2511-2522, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000500021>



SENA, R.M.C. Correlação entre imagem corporal e autoestima em pessoas com ostomias intestinais. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

TERIAKY, A.; GREGOR, J.; CHANDE, N. Percutaneous endoscopic gastrostomy tube placement for end stage palliation of malignant gastrointestinal obstructions. Saudi J Gastroenterol. Riyadh, v. 18, n. 2, p. 95-98, mar. 2012. Disponível em: <http://www.dx.doi.org/10.4103/1319-3767.93808>

VARGAS, T.V.P; DANTAS, R.A.S; GOIS, C.F.L. A auto-estima de indivíduos que foram submetidos à cirurgia de revascularização do miocárdio. Rev. Esc. Enferm. USP; São Paulo, v. 39, n. 1, p. 20-27, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342005000100003>

VENTURA, L.A.S. Portaria do SUS para pessoas ostomizadas precisa de atualização. Estadão, São Paulo, 16 nov. 2020. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/blogs/vencer-limites/portaria-do-sus-para-pessoas-ostomizadas-precisa-de-atualizacao/>. Acesso em mai 2021.